

# AMOR E GÊNERO NA LITERATURA ROMANA: Uma abordagem do *Satyricon* de Petrónio e suas representações

Caroline Varussa de Oliveira Lima<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo visa a analisar aspectos sobre as relações amorosas e de gênero na literatura romana, a partir de uma abordagem do texto literário *Satyricon*, de Petrónio. Buscaremos também refletir sobre os significados, presentes na narrativa em relação aos conceitos “homem” e “mulher”, muitas vezes estereotipados ao longo da história. Questionamentos sociais e culturais sobre a Antiguidade Clássica, mais especificamente sobre o Principado Romano, serão abrangidos numa série de hipóteses e informações sobre as funções que os textos literários desempenhariam na vida “cotidiana” da sociedade romana, em nosso caso, abordando a obra literária *Satyricon*, de Petrónio. Acreditamos que o poeta, sendo um membro da sociedade e exercendo papel social e histórico, no momento em que “pinta” seu quadro literário, traz à luz sua realidade social. O presente estudo visa, portanto, a abordar a intersecção dos estudos que foram e estão sendo realizados em relação ao tema do amor e as relações de gênero, ressaltando como os referidos temas estão sendo tratados na historiografia brasileira.

**Palavras-chave:** Amor; Gênero; *Satyricon*.

## ABSTRACT

This article aims to analyze aspects of the loving and gender relations in Roman literature, from a literary text approach *Satyricon* of Petronius. Also seek to reflect on the meanings present in the narrative in relation to the concepts "man" and "woman", often stereotyped throughout history. Social and cultural questions about the Classical Antiquity, more specifically on the Roman Principality, will be covered in a series of assumptions and information about the features that literary texts would play in life "everyday" of Roman society, in our case, addressing the literary work *Satyricon* of Petrónio. We believe that the poet, being a member of society and exercising social and historical role at the time that "paints" his literary frame, brings to light their social reality. This study therefore aims to address the intersection of the studies that have been and are being carried out in relation to the theme of love and gender relations, emphasizing how these issues are being treated in Brazilian historiography.

**Keywords:** Love; Gender; *Satyricon*.

## Introdução

Nosso estudo terá como objeto de análise as relações amorosas e de gênero (homens/mulheres) na obra *Satyricon*, do escritor romano Petrónio, que viveu por volta de 65

---

<sup>1</sup> Pós graduada pela Faculdades Integradas Claretianas de Rio Claro/SP. Email: [carolinevarussa@bol.com.br](mailto:carolinevarussa@bol.com.br). Artigo apresentado a Pós Graduação em História Cultural/2013, para obtenção do título de Especialização em História Cultural, sob orientação da Professora Doutora Semíramis Corsi Silva pela Unesp de Franca.

d.C., época do Principado Romano. Acreditamos que este romance possibilita uma análise histórica da literatura, aberta a todos que desejem enveredar pela Roma do século do Imperador Nero, desvendando a relação cruel entre dominadores e dominados, que é retratada com o brilho de um escritor extraordinário.

A obra em questão, apesar de fragmentada, faz dele o “pai do romance moderno” (BIANCHET, 2004, p. 07), sendo, sem dúvida, um marco para a literatura latina.

*Caius Petronius Arbiter* consegue adentrar no mundo antigo romano através da narrativa de seus personagens agregarem comportamentos e atitudes lascivas e satíricas, de maneira a fixar sua intranquilidade na escrita, dificultando afirmar em quais gêneros essa obra possa se encaixar de fato.

A perspectiva adotada para a análise do documento não se reduz apenas para o estudo linguístico interno do objeto, sendo preciso correlacionar em uma “perspectiva bidimensional” de acordo com Anastasiou (2006, p.83), o processo linguístico com o social.

Procuramos elaborar algumas das principais questões que cercam as análises tradicionais do documento. O historiador Pedro Paulo Funari (2003, p.14) nos propõe, dos requisitos básicos para a presente análise documental a priori em termos gerais, o de crítica externa e crítica interna. Enfatizando os questionamentos dos aspectos externos do documento, verificaremos as condições históricas e materiais (crítica externa) em que o mesmo se insere e trataremos também dos fatos verossímeis (crítica interna).

A crítica externa nos propõe questionar a materialidade e incompatibilidade que vão sendo elucidadas pela composição física do documento, o que pode indicar se o texto pode ser cunhado como verídico ou falso. Já na crítica interna, pode-se constatar se o documento é falso devido a sua não consonância ou correspondência para com o relato narrativo ou histórico em que o autor se insere.

A estruturação da funcionalidade do documento nos mostra que existem aspectos visíveis e outros de acesso indireto, tendo assim forte ligação com os interesses e objetivos de quem os analisa. Sendo reforçados a partir do aprofundamento da diferentes áreas do saber e os diversos paradigmas/modelos hermenêuticos.

Além da crítica interna e externa do documento, nos propomos a trabalhar com a metodologia baseada nos modernos estudos sobre as relações de gênero. Neste sentido, “a

historiografia voltada para a mulher obrigou toda uma revisão de fontes literárias e documentais de todas as culturas e de todos os tempos para que pudesse ser desenvolvida” (SILVA, 2003, p. 51).

Em relação às pesquisas sobre as relações amorosas e de gênero, sabemos que as mesmas vêm sido ampliadas com estudos significativos de documentos tais como: moedas, inscrições, estátuas, entre outros, evidenciando através desses pertences a participação das mulheres em meio público. Com isso, a influência das reflexões pós-modernas e pós-estruturalistas, atrelada à diversidade e ao heterogêneo no interior das sociedades antigas, mostra que o conceito de “homem” e “mulher” ganha complexidade, sendo insuficiente afirmar apenas a essência fixa e universal dos mesmos.

Segundo Feitosa (2005, p.28), “Para além das essências, os estudos de gênero abordam os variados significados que estes conceitos adquirem quando considerados o momento histórico, os grupos sociais e os valores culturais em que foram e são formulados”.

Além disso, para a presente análise documental da obra *Satyricon*, analisaremos a estruturação de elementos constitutivos, tais como: contexto histórico, detalhes sobre a autoria de Petrônio, estudo de termos utilizados e suas contextualizações (latim erudito e vulgar), breve estudo filológico (vocabulário, morfologia e a sintaxe), sendo que, para realizarmos o estudo, faremos uso de uma pesquisa bibliográfica pautada nas diretrizes da nova história cultural. Sendo assim, tendo dois aspectos de análise documental, a interna e a externa, em que uma se volta para a compreensão mais detalhada da veracidade do documento através da *crítica textual* profunda e outra analisa os discursos do mesmo em sua estrutura superficial que interliga seus fatos. Dessa maneira, será utilizada e abordada no aspecto externo se a literatura latina representada por *Satyricon* de fato foi uma obra escrita e condicionada aos moldes de sua época, como, por exemplo, as características da sociedade em que vivia o escritor, época do Imperador Nero no século I d.C. Outra abordagem é o aspecto interno, em que se verificará a sua inverossimilhança, sendo o mais comumente encontrado o anacronismo.

“[...] Por outro lado, a interdisciplinaridade não se resume à junção de fontes de natureza diversa, mas consiste na articulação das diversas abordagens em um discurso único e coerente” (FUNARI, 2003, p. 33).

Como tratamos de uma obra literária, faz-se fundamental compreender a mesma como representação. Para isso iremos adentrar na compreensão das representações sociais do “mundo” em que o poeta romano Petrônio habita, com o apoio dos conceitos que o historiador Roger Chartier (1988) nos propõe. Desse modo, o conceito da análise de representações sociais nos fornecerá apoio para análise do discurso histórico. O nosso principal objetivo é entender como a criação de mecanismos das representações suscita o poder e a dominação numa sociedade e que, assim, instaura a hierarquização da estrutura social, do entorno social (valores e limites) que serão analisados dentro do contexto social em que Petrônio aborda.

Chartier nos conduz na formulação do conceito de representações coletivas, em que as práticas de produção de sentido em diversas relações textuais geram tensões dicotômicas<sup>2</sup> entre o estruturalismo e filosofia do sujeito; que formam elementos sem relação ou articulação entre si. A abertura da realidade de convívio que os indivíduos mantêm seus elos com o mundo social nem tão pouco pode condicionar à representação do mesmo como argumento único e capaz de produzir o caminho teórico-metodológico possíveis na historiografia. O que gera um “déficit” teórico entre as modalidades do fazer-criar e as formas de crença; dentre a função política e a função lógica das representações; à representação da realidade e a realidade da representação; devido ao condicionamento do social e a representação constitutiva do social.

Contrariando os críticos e suas “ambiguidades”, três registros de realidade são elaborados e fixados pela noção “tripartite de modalidades de registros de realidade” por (Chartier, 2002, p. 169), “primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada (...)”. Ora que, os signos/simbologias se instauram e se fazem reconhecer pela apropriação de identidade social a obter suas simbologias e formas que podem desde uma ordem até a permanência de uma poder e persuasão da força de uma identidade.

Há diversas polêmicas e de dificuldades que aparecem na grande maioria das literaturas na antiguidade clássica, tais como: período no qual foi escrito; qual seria realmente o tamanho da obra que nos chega; o mundo em que o mesmo se encontra. Desta maneira, a seguir apresentaremos um debate acerca da autoria obra *Satyricon* e sobre o poeta Petrônio.

---

<sup>1</sup>A ideia de tensão (...) é sempre a ideia de demonstrar que não há a possibilidade de ler qualquer fenômeno de maneira unitária, de maneira que não englobe as contradições. (...) É porque se reconhecem essas tensões que nós, como cidadãos, temos um espaço de intervenção.(CHARTIER, apud, CARVALHO, 2005: 158)

## Sobre Petrônio e a obra *Satyricon*

A maioria das pesquisas a que tivemos acesso considera a hipótese do nome completo do poeta ser Tito Petrônio Níger<sup>3</sup>. Foi, possivelmente, cônsul romano no ano de 62 d.C, o que lhe conferia o *arbiter elegantiae* (*árbitro da elegância*) na corte do imperador Nero. Tácito descreve Petrônio de forma ávida, afirmando que ele detinha vícios e era cínico, embora fosse um grande administrador na época em que governou a província da Bitínia. O seu suicídio, em 66 d.C, pode hipoteticamente ser explicado pela perseguição sofrida por ele de Tigelino, que o caluniou, por invejá-lo, pela grande sua influência e competência na corte de Nero. Tigelino acusou-o de participar de uma conspiração contra Nero.

Outro problema reside na composição da obra: apenas fragmentos dos livros XIV-XVI nos restaram, supondo que em sua originalidade, teria a projeção e o tamanho da *Odisseia*, de Homero.

A excessiva tentativa moralizadora na sátira, seu gênero literário, faz com que Petrônio construa os seus personagens de maneira caricatural, mostrando-os dentro de um contexto de grupo, camadas que interagem entre si, sendo explicitadas pelo autor a partir de sua percepção crítica e de desprezo em relação ao juízo de valores que vigorava na época, enfocando em seus personagens atitudes de cunho vicioso, sendo muitas vezes ridicularizados por ele<sup>4</sup>. Deve-se em primeiro lugar considerar que o texto trata de uma reelaboração da realidade pelos olhares de um poeta que “pinta” os quadros sociais de seu próprio segmento social. A obra tem a intenção de apresentar um quadro realista da elite ao que o autor pertencia, explorando o humor e utilizando a ironia como recurso.

“Petrônio vê de cima o mundo que retrata” (AUERBACH, *Apud* SILVA, 2001, p.104). Com isso, as dificuldades interpretativas surgem à medida que os significados que

---

<sup>3</sup> [...] o autor do *Satyricon* é o Petrônio citado por Tácito, em sua obra *Anais*, sendo mencionado, mas brevemente, em algumas passagens de Plínio, o Velho, e Plutarco (FUNARI, P.P.A. ; GARRAFFONI, R.S, 2008, p. 106).

<sup>4</sup> Ruth Guimarães, por exemplo, na sua introdução da obra *O asno de ouro*, de Apuleio, afirma que o *Satyricon* é o livro mais estranho de toda a Literatura Romana (...) — sátira forte, feroz, cruel, realista, impiedosa, obscena, sem nenhuma ternura humana, sem nenhum pensamento generoso, sem nenhum ideal. Livro que chafurda na imoralidade e na corrupção, parecendo deleitar-se o seu autor com elas” (MOURA, *Apud*, GUIMARÃES, 1996, p. 41).

pertenciam ao mundo de Petrônio nos chegam alterados ou mesmo pela distância temporal que nos separa, induzindo-nos a cometer alguns equívocos de interpretação.

*Satyricon* é narrado em primeira pessoa pelo personagem Encólpio, um estudante de retórica, que mesmo em alguns momentos se apresenta como mero espectador e, juntamente com Gitão, o poeta Eumolpo e Ascilto viajam pela Itália sem destinos definidos. A narrativa desenrola-se em lugares como prostíbulos, hospedarias e outros cenários urbanos que denotam as relações socioafetivas e sexuais que se estabelecem.

Extraír as singularidades que a obra literária *Satyricon* possui pode nos conferir valores sociais implícitos quanto às críticas voltadas aos comportamentos muitas vezes contraditórios dos homens e mulheres romanas, em seus múltiplos sentidos e momentos históricos<sup>5</sup>.

Romance de aventuras e costumes, o *Satyricon* – de Petrônio – talvez seja uma das mais significativas obras para o estudo dos comportamentos de gênero na sociedade imperial romana, ainda que este viés de abordagem tenha sido pouco explorado pela historiografia (SILVA, 2001, p.97).

A afirmação de poder dos personagens femininos sobre os masculinos vem para demonstrar o papel da mulher na sociedade em que a obra é escrita, apresentando-a com caráter dominador, livre e independente; essas afirmações podem ser exemplificadas nas *cenar do banquete de Trimalquião*, em que Fortunata tem posicionamento de comando, de voz ativa sobre a vida do mesmo. Contudo, o ar de falsidade, interesse e não confiabilidade caracteriza-se como sendo de natureza peculiar, atribuído às mulheres da época. Porém, Fortunata foge a esta caracterização, sendo descrita no texto com total dedicação a Trimalquião; mesmo sendo rebaixada em grande parte da *cena do banquete*, mantém a sua personalidade servil, conferindo o papel de *domine* a seu marido. Passagens como estas chamaram nossa atenção para definir o tema deste artigo, que desenvolveremos a seguir.

### **Amor e Gênero no Principado Romano**

“[...] o amor deve ser considerado como consubstancial ao homem, o que é comprovado na Antiguidade por meio de obras literárias, cartas e inscrições funerárias”

---

<sup>5</sup> “Procurar com toda essa variedade uma inspiração única, um plano claramente preconcebido, seguido de modo rigoroso, e desejar aprisioná-la numa fórmula, parece-me uma tentativa condenada ao fracasso” (ERNOUT, Alfred. Introduction. In: PÉTRONE. *Le Satiricon*. Paris: Les Belles Lettres. 1993. p. XVI).

(FEITOSA, *Apud*, GALÁN, 1996: 16-17). O filósofo Foucault possibilita contrastes e debates nas fontes literárias,

“[...] por exemplo, através de textos como os de Ovídio e Petrônio , é possível questionar o ideal de submissão e fidelidade atribuído às mulheres, e o de austeridade e comando relacionado aos homens, quando analisados no âmbito de afetividade, já que evidenciam, mesmo para as elites, campos de ação feminino e masculino diversificados e até mesmo contraditórios” (FEITOSA, *Apud*, FOUCAULT, 2005, p. 50).

Em relação à temática de nossa pesquisa, sabemos que durante manteve-se a visão de que: “O casamento deve ser uma vitória da missão civilizadora do comportamento dos “bem-nascidos” sobre a franja indisciplinada de sua própria classe: suas mulheres” (BROWN, 2010, p. 224). As circunstâncias precedentes ao final da República e início do Império Romano mostravam retratos e valores divergentes entre as mulheres dos homens públicos. As mulheres eram tidas como “criaturinhas”, não podiam minar o caráter de seu homem na demonstração de um amor autêntico. As relações conjugais muitas vezes revelavam-se contraditórias, pois, de um lado, era prático e rápido o divórcio, não afetaria em nada em âmbito público, embora viesse, perante os fatos, desencadear selvagememente uma vingança contra o amante ou até mesmo a mulher que praticara o adultério.

[...] é nítida a distinção entre sentimento amoroso e prática sexual. A diferença é que, enquanto Galán reconhece o amor como um sentimento vivenciado entre os homens romanos, para Robert e Quignard , a afetividade, mais do que a inapropriada, seria abominável para os latinos. Esses autores inserem-se em uma tradição historiográfica que analisa a sociedade romana dividindo-se em três grandes momentos, cada qual com sua postura sexomoral diferenciada [...] (FEITOSA, 2005, p. 47).

Assim se constituiria no primeiro momento uma Roma arcaica, em segundo, uma Roma expansionista, que forneceria passagem ao vício e desenfreio dos costumes na Roma imperial. Porém, esse é um modelo teórico homogêneo da cultura romana, que deve ser substituído pela própria “polissemia” da palavra cultura na modernidade. Dessa maneira, a pluralidade da terminologia nos remete a modelos teóricos mais amplos, que nos ofereçam suporte para a construção de indagações do passado, que nos auxiliem na maneira com que enfrentamos o presente. “[...] os historiadores do grupo dos *Annales* se preocuparam com as estruturas e os diferentes ritmos e temporalidades dos fenômenos históricos, privilegiando as longas permanências mentais, sociais, geográficas, etc [...]” (RAGO, 1995, p. 71-72).

Durante a década de 90, a análise de amor e gênero ganha certo espaço para estudos das sociedades antigas, embora pareça dúbia e amplamente controversa. Juntamente com as epistemologias feministas da década de 80, diversas áreas, tais como: Antropologia, Linguística, Psicanálise, História, Sociologia, entre outras, surgem variadas perspectivas de análises em relação ao papel conferido às mulheres na História. Alargou-se o conceito de documento histórico, permitindo trazer novos estudos acerca dos conceitos como “público” e “privado”, atribuídos às mulheres na História Antiga Romana. Isso possibilita discussões intrínsecas sobre influências e a participação nas esferas de poder; quais as atividades e papéis desempenhados nas sociedades aristocráticas e não aristocráticas. Segundo FEITOSA (2005, p. 28), “Para além das essências, os estudos de gênero abordam os variados significados que estes conceitos adquirem quando considerados o momento histórico, os grupos sociais e os valores culturais em que foram e são formulados”.

As noções das identidades “homens” ou “mulheres” podem ter ou não como associação direta do significado de gênero ao aspecto físico, ou seja, associa-se ao sexo biológico. Ressaltando que tais definições de masculino e feminino nem sempre mantiveram suas atribuições idênticas.

Ao tratar do sentimento entre esposos durante o primeiro século, por exemplo, a autora considera propícia a existência de uma profunda afeição” (CANTARELLA, 1999, 52:55), entretanto, neste caso, “*o amor paixão* habitava fora de matrimônio”, e era reservado às relações clandestinas, ou seja, extraconjugais (CANTARELLA, 1999: 52, 140).

“O comportamento amoroso dos populares, nas raras análises encontradas, explícito ou implicitamente, é tido como portador de algumas ideias correntes como “submissão”, “liberdade de costumes”, “indolência”, “imoralidade”, entre vários outros” (FEITOSA, 2005, p.52).

Em linhas gerais, é relevante destacar o estudo de Eva Cantarella, a qual menciona os conceitos de amor voltados a características tanto sentimentais quanto físicas, utilizando-se de um “protótipo geral” em relação aos comportamentos; valores éticos e amorosos, para a elite ou populares.

## **Amor e Gênero no *Satyricon*, de Petrónio**



Diante do que estudamos, podemos perceber que várias questões foram levantadas pelos estudiosos em diversas áreas, perguntando-se como era possível a compreensão de um texto literário como aporte para se entender o passado. Em nosso caso, verificaremos a temática do amor e gênero em um texto literário.

Sabemos que mudanças vinham surgindo acerca da historiografia em meados de 1960, vivificando, dessa maneira, a possibilidade que o historiador Le Goff cunhou como explosão documental, ou seja, a abrangência que as ciências humanas e suas produções poderiam acrescentar em conjunto com os documentos.

Considerando que, por meio da análise filológica, seja possível uma aproximação crítica de um universo semântico de conteúdo sociocultural, os exageros, a comicidade e os juízos de valores espalhados pelo *Satyricon* serão entendidos como elementos importantes para discutirmos as construções dos papéis feminino e masculino da sociedade romana (FUNARI; GARRAFFONI, 2008, p. 105).

O olhar e o estudo da filologia dos termos, sobre os quais o texto literário discorre, contribui para a identificação dos mais diversos modelos de papéis masculinos e femininos, construídos pelo poeta romano Petrônio, no caso em estudo. O autor traz até nós a riqueza e a complexidade que as particularidades textuais refletem na expressão dos conflitos que havia no interior daquela sociedade.

Dos romanos herdamos, também, nossa própria língua, pois o português nada mais é do que um latim modificado. A maioria das palavras do português deriva do latim [...] como é o caso de família, “família”. O português deriva do latim, porque os romanos dominaram a Península Ibérica [...] por isso, o português é conhecido como “a última flor do Lácio”, ou seja, a última língua derivada do latim (FUNARI, 2007, p. 80).

É fundamental perceber como o passado se encontra tão presente em nosso cotidiano histórico e em nossas construções dentro de uma sociedade e seu tempo. Isso leva à compreensão de como eram mantidas as relações de *gender* (gênero) e suas múltiplas dimensões.

“[...] existe, na verdade, um mundo feminino que parece ter chamado a atenção do autor de uma maneira muito particular. Em nenhuma outra obra literária, salvo talvez a comédia e a elegia amorosa, a mulher foi colocada tão em evidência como no *Satyricon*” (GRIMAL, *apud* SILVA, 2001, p. 109).

No *Satyricon*, a afirmação de poder dos personagens femininos sobre os masculinos vem demonstrar o papel da mulher em uma sociedade em que vigorava o caráter dominador, livre e independente da mulher. Como exemplo, podemos citar as *cenar do banquete de Trimalquião*, em que Fortunata tem posição de comando, com voz ativa sobre a vida do mesmo. Contudo, o ar de falsidade, interesse e não confiabilidade é caracterizado como de natureza peculiar, atribuído às mulheres da época. Porém, Fortunata foge a essa caracterização, sendo descrita no texto com total dedicação a Trimalquião ; mesmo sendo rebaixada em grande parte da *cena do banquete*, mantém o seu personagem servil, conferindo o papel de *domine* a seu marido.

As relações de poder e dominação são evidentes e se chocam em muitos momentos na obra *Satyricon*, sendo fundamental a nossa análise desse comportamento aparentemente contraditório. “(...) a sociedade não condenava o amor “contra natureza”, mas o fato de ser passivo, ou seja, de estar a serviço do outro. Esse papel só era concebível para um ser de categoria inferior” (ROBERT, *Apud* SILVA, 2001, p. 128). Competiria, assim, ao escravo romano fornecer prazer, mas seria indigna a passividade ao cidadão romano à sua virilidade, independentemente da classe atribuída. Além das questões de gênero, nos propomos a abordar em seguida um tema delicado, que é o amor, e que varia entre sociedades e tempos.

[...] se o Sol *sempre* se põe no oceano e a Lua nova *sempre* sucede a cheia, a humanidade do amor faz com que o certo se torne *frequente*, o impulso natural incontrolável ceda ao homem: ferida divina, o amor é do homem, como o homem do amor ( FUNARI, 2003, p. 107).

A complexidade semântica da palavra *amor* nos mostra que a mesma pode se intercalar com outros sentimentos como *affectus*, *dilectio*, *caritas* e *eros*, ou seja, aplicada tanto para o campo das emoções como dos desejos sexuais. É nítido que a afetividade para os romanos era um fenômeno controverso e envolto em polêmica.

“(...) a sociedade não condenava o amor “contra a natureza”, mas o fato de ser passivo, ou seja, de estar a serviço do outro. Esse papel só era concebível para um ser de categoria inferior” (ROBERT, *Apud* SILVA, 2001, p. 128). Competiria, dessa maneira, ao escravo romano fornecer prazer, mas seria indigna a passividade ao cidadão romano à sua virilidade, independentemente da classe atribuída. Além das questões de gênero, nos

propomos a abordar em seguida um tema delicado, que é o amor, e que varia entre sociedades e tempos.

Assim, “o anormal era ter que aguentar a paixão. A moral antiga ignorava o amor” (ROBERT, *Apud* FEITOSA, 2005, p. 46). O fato é que o amor era encarado como consequência dos anos que se seguiriam no decorrer do casamento, como também poderia não ser efetivado. “O amor deve ser considerado como consubstancial ao homem, o que é comprovado na Antiguidade, por meio de obras literárias, cartas e inscrições funerárias” (GALÁN, *Apud* FEITOSA, 2008, p. 84). A distinção evidenciada por Robert e Galán, voltada para a concepção romana de amor, demonstra os divergentes pensamentos tradicionais historiográficos em relação à postura sexo-moral em Roma nesse período. Assim, o ideal aristocrático do autodomínio e do controle social romano vigorava de tal forma a sustentar suas posições enquanto homens públicos.

Na passagem do *Satyricon* sobre a matrona da província de Efésio, em que sua castidade e amor eram notáveis até para mulheres de cidades vizinhas que vinham visitá-la, ocorre mudança radical no seu comportamento quando seu marido falece, passando a ceder facilmente aos encantos do jovem soldado, que lhe oferece “vida”. Passam a noite juntos ao lado do túmulo, e no dia seguinte a vigília, que deveria estar sendo feita será suspensa, deixando com que retirassem o morto da cruz; esse direito lhe era conferido pelo código militar para que reparasse a tal falta de zelo. Nesse meio tempo, os dois já saberiam qual seria o fim destinado a quem praticasse tal perjúrio. Contudo, a viúva teve uma “brilhante” ideia; mesmo que nem todos concordassem com tal posição, pediu ao soldado, o qual lhe devolvera a “vida”, que pendurasse o seu marido já falecido, pois não aceitaria perdê-lo. A comida e a sexualidade são oferecidas pelo soldado à matrona, que de certa forma paga a sua dívida quando lhe confere a “vida” novamente. A simbologia crítica de Petronio à leviandade feminina demonstra ascensão da vida sobre a morte, pois só a vida garantiria a bebida, a comida e a relação sexual.

O que de acordo com Delfim (s.d, p. 84) seria uma discreta apologia do amor que triunfa sobre a finitude; é a fênix que renasce das cinzas, em que decidira, para sempre, apagar-se. Como podemos ler na passagem a seguir:

[...]Que os deuses não permitam que eu assista, ao mesmo tempo, aos dois funerais dos dois homens mais especiais para mim. Prefiro pendurar o morto a matar o vivo. Havia uma mulher casada em Efésio, que era de uma

castidade tão notável que levava as mulheres até mesmo dos povos vizinhos a visitá-la[...] (PETRÔNIO, *Satyricon*, LIVRO CXII, capítulos 112-113).

A figura feminina na erótica latina vem à tona neste episódio, narrando a fúria desmedida do desejo feminino, quando, pela persuasão de sua escrava e, principalmente, de sua libido, cede aos encantos do soldado, o que faz cair em terra a tese da castidade notável perante os valores morais. O medo que os homens tinham ao serem submetidos aos encantos e desejos femininos conferiam piadas machistas, tal como é mencionado no dia seguinte ao ocorrido. Milagre! O morto voltou à cruz!

Não obtendo a profundidade das criações aqui mencionadas, contudo, procurando buscar resquícios para que, através da construção historiográfica não centralizada e sim abrangente para o olhar de povos passados, possam renascer na contemporaneidade, oferece perspectivas novas de interpretação sobre as relações de amor e gênero na Antiguidade.

Assim, compreendemos que: “Sob tal ponto de vista, o passado não está pronto para ser desvendado, mas é uma construção do historiador que utiliza seus valores, sua subjetividade, e apropria-se de questões teóricas do seu presente, a fim de buscar o seu objeto de pesquisa sobre o passado” (CAVICCHIOLI, 2009, p.7).

As especificidades são muitas para essa temática, dessa maneira, analisando o *corpus* documental que se apresenta com um olhar teórico- metodológico ampliado diante das novas possibilidades de pesquisa, podemos refletir sobre as mudanças de terminologias no decorrer do tempo.

### **Considerações finais**

Podemos considerar o domínio masculino como norma, embora tais visões sejam deturpadas pelos personagens, os quais o poeta Petrónio vê ou idealiza na obra *Satyricon*. Tal estrutura narrativa pode demonstrar também críticas inflexíveis aos moldes e costumes na sociedade romana antiga.

O objetivo deste artigo foi o de repensar a literatura como fonte documental importante, que se encontrou e vivificou riquezas de detalhes sobre a maneira de olhar, habitar e historicizar o amor e as relações de gênero ou *gender* nas suas essências e

simbologias, nas quais a obra *Satyricon* nos expressa valores sociais implícitos à moral politizada no que se refere aos comportamentos esperados dos homens e mulheres romanos.

É possível, a partir deste texto, pensar nos diversos “masculinos” e “femininos” que provocam risos no decorrer destes comportamentos infrutíferos ; a dama de Éfeso, por exemplo, que não consegue controlar seus desejos no ímpeto da paixão e urgentemente cede aos encantos de um soldado.

À luz dos moldes sociais da contemporaneidade, podemos ver o mundo romano por diversas variações e contradições, aberto a leituras e releituras diversificadas, em uma historiografia pluralizada e não voltada a modelos universais; dessa maneira, interligam-se aos significados destas mesmas questões em nosso cotidiano atual.

### **Referências:**

#### **Fontes documentais:**

PETRÔNIO. **Satyricon**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. **Satyricon**. 1 edição. Tradução de Sandra Braga Bianchet, Belo Horizonte: Crisalida, 2004.

PÉTRONE. **Le Satyricon**. Paris: Les Belles Lettres. 1993.

#### **Fontes Bibliográficas:**

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 91-110.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada 1: Do Império Romano ao Ano Mil**. 19. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989.

CANTARELLA, E. **Pompei. I volti dell'amore**. Milani: Mondadori, 1999.

CARDOSO, Z. A. **A literatura latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O Conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier.** In: Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, nº. 1, 2005.

ERNOUT, Alfred. Introduction. In: PÉTRONE. **Le Satiricon.** Paris: Les Belles Lettres. 1993.

FAVERSANI, Fábio. **As relações diretas de poder enquanto instrumento analítico para a compreensão da pobreza no Satyricon de Petrônio.** História Revista, 1 (1): 43-70, jan/jun., 1996.

FEITOSA, Lourdes Condes. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia.** - São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antigüidade em nossos dias. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

\_\_\_\_\_, L. M. G. C.; RAGO, M. **Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na Antigüidade e na Modernidade.** In: RAGO, Margareth L; FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). **Subjetividades Antigas e Modernas.** São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_, FUNARI, P.; SILVA, G.; MARTINS, A.(Org.). **História Antiga: contribuições brasileiras.** – 1ª Ed-. São Paulo: Annablume, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **Vida pública e vida privada: Cultura, pensamento e mitologia/ Amor e sexualidade.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 77-143.

\_\_\_\_\_. **A vida quotidiana na Roma Antiga.** São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. **Grécia e Roma.** – 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da. **Amor, desejo e poder na Antigüidade: Relações de gênero e representações do feminino.** São Paulo: Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. **Antigüidade Clássica: A História e a cultura popular a partir dos documentos.** – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_ ; GARRAFFONI, Renata Senna. **Gênero e conflitos no *Satyricon*: o caso da dama de Éfeso.** In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 48/49, p. 101- 117, 2008, Editora UFPR.

GRIMAL, Pierre. **Amor em Roma**, 1ª edição brasileira: junho de 1991, Ed.Martins Fontes.

LE GOFF, J. **Documento/ monumento**, Enciclopedia Einaudi, vol. 1, Porto, Imprensa Nacional, 1984, pp. 95-106.

LEÃO, DELFIM F. **Amor e amizade no *Satyricon* de Pretônio.** Universidade de Coimbra, s.d, p.73-89.

MOURA. A. R. de. **Questões de gênero Literário no *Satyricon*.** Letras. Curitiba, n.45. p. 53-74 . 1996. Editora da UFPR.

RAGO, Margareth. **O efeito-Foucault na historiografia brasileira.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.

\_\_\_\_\_, **Estudo reavalia rumo da Escola dos *Annales*.** *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 jun. 2000, Caderno D2.

ROUSSELLE, Aline. **Pornéia: Sexualidade e amor no mundo antigo.** – Tradução: Carlos Nelson Coutinho, 1984, São Paulo: Brasiliense.

SILVA, Glaydson José da. **Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no *Satyricon*, de Petrônio: representações e relações.** Dissertação de Mestrado apresentada na UNICAMP, 2001.

SILVA, Neemias Oliveira. **Escrita e poder no *Satyricon* de Petrônio e Fellini,** Universidade Presbiteriana Mackenzie. [s.d].

\_\_\_\_\_. ***Carpe Diem*: Rituais cotidianos no *Satyricon* – Petrônio e Fellini.** Dissertação de Mestrado apresentada na Mackenzie/ São Paulo, 2009.

SILVA, Semíramis Corsi. **Práticas de magia e universo feminino: feiticeiras romanas na obra do poeta Horácio (65 – 8 a.C).** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na UNESP/ Franca, 2003.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana (Amor, poesia e o Ocidente)** – Tradução: Milton Meira do Nascimento/ Maria das Graças Souza Nascimento.-São Paulo: Brasiliense, 1985.